

Filósofo, professor, integrante da Frente Negra Gaúcha (FNG)

Democracia: em risco por suas possibilidades



Lucas Roxo.

A democracia é corroída por suas próprias possibilidades. As ameaças emergem da estrutura social, econômica, política, jurídica, individual e da verdade transformada em simulacro, bem como de governos autocráticos.

A degeneração da democracia foi acelerada no mundo com a chegada da (extrema) direita conservadora neoliberal no poder. Isso aconteceu nos Estados Unidos com Donald Trump, na Argentina com Macri, na Inglaterra com Boris Johnson, no Chile com Sebastian Piñera e no Brasil com Jair Bolsonaro.

Dentre os fatores que ameaçam a democracia estão:

O sistema econômico capitalista neoliberal, por meio dos mecanismos de desmonte dos direitos e da precarização do trabalho, privatização da educação e apropriação do Estado, não permitindo que as desigualdades sejam extintas, gerando crises institucionais, desemprego em alta e concentração de renda. Agindo no plano virtual sem a mediação das instituições, as políticas neoliberais são implementadas, polarizando economia (mercado) versus Estado, de modo a “estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas a própria conduta dos governados [...] como construção histórica e modo de vida.”

Governos autocráticos e a emergência do profascismo surgem por todo o mundo, como a Ku Klux Klan e os supremacistas nos Estados Unidos, o ressurgimento dos integralistas no Brasil e as milícias digitais; políticos que adotam retórica violenta e de ódio contra minorias sociais, às instituições, à política e à própria democracia. Governos autocráticos e fascistas possuem personalidade autoritária ou predisposição autoritária, basta que as condições sociais e políticas sejam propícias para que se manifestem. Quando os autocratas solipsistas, necrófilos e sociopatas, revestidos de poder político são potencializados, disseminam ódio, violência e autoritarismo com retórica beligerante.

Verdade versus fato. Na esteira do autoritarismo e “nas condições certas, qualquer sociedade pode se voltar contra a democracia”. A verdade é usada contra si mesma e o fato negado. A “verdade” contra a verdade: a negação. As narrativas das semânticas da verdade são intencionalmente contrapostas pelo confronto moral-religioso e científico, levando às fake news. Vive-se a crise moral da verdade sem mesmo saber o que ela é e o que significa.

Voto e lei: vítima de si mesma. O voto e a lei, dois pilares fundamentais da democracia, podem causar sua ruína, basta que os demagogos eleitos subvertam a ordem democrática; que juristas e a mídia usem a linguagem e o aparato legal para convencer os demais a irem contra as constituições, negligenciando os protocolos ritualísticos processuais de garantia da imparcialidade e objetividade, de modo que crenças, preconceitos e preferências

O BOLSONARISMO SE CRISTALIZA NO HORIZONTE POLÍTICO COMO ALGO PERENE E RISCO IMINENTE À DEMOCRACIA

políticas influam nas decisões e interpretações da lei, distorcendo-a e criando subterfúgios hermenêuticos. A mídia, incluindo as redes sociais, por meio do seu exercício de jornalistas e intelectuais, articula e influencia por não haver pluralidade e confronto do contraditório. Os efeitos são refletidos no ato de votar: as pessoas elegem o inimigo como única solução para o establishment.

Ódio e violência à democracia, seja pessoal ou institucional, são desencadeados pelo ressentimento de classe, alimentados pelos preconceitos e pelo conservadorismo religioso. Além de decorrer de pessoas e governos autocráticos que ascendem ao poder e, a partir dele, enfraquecem os mecanismos democráticos e as instituições que a legitimam. Esse fenômeno ficou visível no Brasil nos constantes ataques às instituições do Estado, como ao STF; desmonte das instituições sociais a partir do interior delas mesmas; ataques personalizados a civis, autoridades e a jornalistas, com finalidade de desonrá-los; emparelhamento e uso dos órgãos de controle do Estado; disseminação de teorias conspiratórias.

A degeneração da democracia decorre de comportamentos e ações relacionadas ao autoritarismo dos governos que impõe, impede e tolhe a ação e a liberdade democrática, usando esta como arma para revisar a história e criar narrativas distorcidas e versões disformes dos fatos. O populismo e o nacionalismo são, também, degenerativos da democracia não só porque inflamam as paixões e irracionalidades políticas, os fanatismos e a negação da política, mas por possibilitarem que o autocrata se deifique, torne-se mito e salvação do país. Assim como o conservadorismo, são radicalizados pelo fundamentalismo.

A manipulação do imaginário coletivo pelos simulacros como fator degenerativo da democracia, principalmente no Brasil, é avassaladora – simulacros são entes vazios, falsos, criados para manipular, distrair e distor-

cer a realidade ao se passarem por verdadeiros. Simulam e imitam a realidade, agem com o mesmo poder de verdade nas consciências e imaginários. Isso se deve, em grande parte, à ignorância e à estupidez de seus cidadãos. “Pessoas estúpidas causam perdas a outras pessoas sem contrapartida de ganhos para si mesmas. [...] Em um país em declínio [...], percebe-se uma proliferação alarmante dos bandidos com toque de estupidez[...] e reforça o poder destrutivo da fração (estúpida) e faz do declínio uma certeza. E o país vai para o buraco.”

O bolsonarismo se cristaliza no horizonte político como algo perene e risco iminente à democracia. Ele ganhou status de ideologia, mentalidade, comportamento e método – modus operandi. Milhões de pessoas, de diferentes classes sociais, segmentos e em todos os estados do país, de intelectuais aos mais ferrenhos conservadores cristãos, identificam-se com ele. E por mais que o seu representante maior – Jair Messias Bolsonaro – deixe de exercer o poder político como presidente, o seu legado continuará reverberando no imaginário, como espectro rondando a democracia. Ele tem todas as credenciais para corroer a democracia brasileira e a figurar na lista dos ismos autocráticos e autoritários, como o fascismo e o nazismo.

NOTAS

1. DARDOR, Pierre. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 17.
2. ARENDT, Hanna Eichimann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
3. APPLEBAUM, Anne. O crepúsculo da democracia: como o autoritarismo seduz e as amizades são desfeitas em nome da política. Rio de Janeiro: Record, 2020, p. 18.
4. Ibidem. p. 20.
5. ROXO, Lucas C. Democracia e Simulacro: da política de simulacro. Belo Horizonte: Letramento, 2019, p. 15-16.
6. CIPOLLA, Carlos M. As leis fundamentais da estupidez humana. São Paulo: Planeta, 2020, p. 85.